

## A REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NO DISCURSO IDEOLÓGICO DA REVISTA *VEJA*: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA SOBRE A VENEZUELA

Cibelia Renata da Silva Pires\*

**Resumo:** Este artigo, baseado nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH 2001, 2003), na teoria dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN 1996, 1997, 2008) e na teoria de Thompson (1995) sobre os modos de operação da ideologia, tem como objetivo demonstrar como o ex-presidente venezuelano Hugo Chávez e a população venezuelana foram representados no discurso da revista *Veja* durante o seu governo, cooperando, assim, para a construção da imagem do próprio ex-presidente. Utilizamos como *corpus* quinze reportagens da revista *Veja* referentes ao período de 1999 a 2012. O resultado nos mostra que a revista constroi, ao mesmo tempo, a imagem de um povo insatisfeito com um presidente e suas políticas públicas, e de Chávez como um líder autoritário que se tornou um inimigo da nação.

**Palavras chave:** Análise Crítica do Discurso. Hugo Chávez. Venezuelanos. Van Leeuwen.

**Abstract:** This article, based on theoretical-methodological assumptions of Critical Discourse Analysis, on Social Actors theory and Thompson's theory on the modes of operation of ideology, aims to demonstrate how the former president Hugo Chávez and venezuelan people were represented in the speech of *Veja* magazine during his administration, cooperating to construct the image of the former president. We used as *corpus* fifteen magazine articles referring to the period from 1999 to 2012. The result shows that the *Veja* magazine builds, at the same time, the image of a people dissatisfied with their president and his public policies and Hugo Chávez as an authoritarian leader who became an enemy of the nation.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Hugo Chávez. Venezuelan people. Van Leeuwen.

### Introdução

Na perspectiva de Gramsci, os meios de comunicação são considerados 'aparelhos privados de hegemonia' que não só difundem visões particulares de mundo como também se utilizam de seu poder de influência para exercer a dominação. No entanto, o seu poder não é exercido pelo uso da força, mas sim pela estratégia de criação de consenso que naturaliza as práticas e as relações sociais (MORAES, 2016).

Considerando as relações de poder que permeiam os discursos da imprensa de modo geral, este artigo tem por objetivo demonstrar quais estratégias linguísticas foram utilizadas pela revista *Veja* para construir a imagem do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez aqui no Brasil.

---

\* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

A imprensa é considerada um agente ideológico dos poderes sociais e econômicos dominantes, representando, portanto, interesses hegemônicos que buscam controle do espaço público (RICÓN e MAGRINI, 2010, p. 86). Deste modo, ao proceder com a análise linguística, a pesquisa aqui empreendida questiona o discurso hegemônico divulgado pelos meios de comunicação, incentiva o pensamento crítico e busca trazer contribuições a respeito da prática discursiva adotada pelos meios de comunicação e o impacto disso na sociedade.

Pardo Abril (2005, p. 169) afirma que “é importante analisar, de forma crítica, o conjunto de representações que os meios de comunicação elaboram sobre a realidade para identificar não só a coincidência dos acontecimentos com o que de fato ocorre, mas também a existência de mecanismos de orientação do pensamento”<sup>1</sup>. Isso nos leva a compreender que a imprensa influi na formação de consciências e nos modos de pensar, o que a insere no campo de disputas de sentidos e contrassentidos que atravessam a sociedade civil como um todo. Portanto, faz-se necessário pensar criticamente a imprensa, reconhecendo a sua centralidade na arena das lutas ideológicas.

Segundo Fairclough (2003, p. 13), o processo de fazer significado (ou significar) produzido no texto não se restringe apenas aos aspectos linguísticos. Torna-se também necessária uma investigação do significado do contexto como um todo, verificando, por exemplo, quem escreveu o texto, o público diverso de leitores, sua distribuição etc.

Diante disso, para este trabalho, selecionamos a revista *Veja* que, por possuir uma alta tiragem de exemplares e ser consumida por um público de alto poder aquisitivo e de instrução<sup>2</sup>, indicando seu elevado poder de influência, costuma ser utilizada também como fonte de pesquisa em escolas e universidades. Além disso, por se declarar “a maior

---

<sup>1</sup> Nossa tradução de “és relevante analizar, en forma crítica, el conjunto de representaciones que los medios elaboran sobre la realidad para identificar no sólo La coincidencia de los acontecimientos con lo que en efecto sucede, sino la existencia de mecanismos de orientación del pensamiento.” (PARDO ABRIL, 2005, p.168).

<sup>2</sup> Fonte: [http://publiabril.abril.com.br/uploads/brand/mediakit/1/M\\_dia\\_Kit\\_2017.pdf](http://publiabril.abril.com.br/uploads/brand/mediakit/1/M_dia_Kit_2017.pdf) (acessado em 31/01/2018)

revista do Brasil e segunda maior revista semanal de informação do mundo”<sup>3</sup>, pode influenciar de modo considerável a opinião pública dos brasileiros, tornando-se assim um objeto científico de grande relevância:

(...) Quando as matérias problematizam o esporte, a economia, a educação, a saúde e outras temáticas, elas compõem textos culturais que produzem formas de fazer, de aprender, de ensinar e, sobretudo, de ser e de compreender o mundo. À medida que os meios de comunicação instituem a si mesmos como espaço e tempo dos acontecimentos, eles atravessam e ocupam espaços públicos, interagindo na constituição da opinião pública, nas decisões e nas concepções que circulam no mundo (GERZSON, 2007, p. 13).

Esta pesquisa tem como base os pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD), especificamente o enfoque feito pelo linguista Norman Fairclough (2003, 2001). A ACD propõe um arcabouço teórico-metodológico para a explicação crítica de questões ligadas à relação de poder e dominação no plano sociodiscursivo. Como instrumental teórico para a análise das práticas discursivas, a ACD busca deslindar a relação dialética entre linguagem e sociedade, observando como o discurso pode sofrer intervenções dos elementos históricos, ideológicos e culturais. Ao analisar o discurso como prática social que reflete as relações de poder, a ACD não só denuncia os diversos conflitos sociais e, por consequência, as práticas de dominação neles envolvidos, como também explora e propõe projetos de mudança social, a fim de ampliar a participação democrática e contribuir para uma emancipação social.

A relação assimétrica entre os meios de comunicação e a sociedade pode ser entendida como um problema social, tendo em vista que essa relação sustenta uma associação assimétrica de poder entre aqueles que detêm o espaço para veicular suas ideias e, portanto, o poder de fala, e aqueles que apenas têm acesso a essas publicações e discursos.

Neste artigo, utilizaremos, dentro do campo teórico da ACD, as categorias gerais de *inclusão* e *exclusão* do inventário sóciosemântico de Van Leeuwen (1996,1997,2008) para analisar quinze reportagens da revista *Veja*, de 1999 a 2012, referentes ao período em que Chávez exerceu o cargo como presidente da Venezuela.

---

<sup>3</sup>Fonte: [http://publiabril.abril.com.br/uploads/brand/mediakit/1/M\\_dia\\_Kit\\_2017.pdf](http://publiabril.abril.com.br/uploads/brand/mediakit/1/M_dia_Kit_2017.pdf) (acessado em 31/01/2018)

Deste modo, buscamos demonstrar como a revista *Veja* constroi a representação de determinados atores sociais, a fim de influenciar a opinião pública.

## **O governo de Hugo Chávez**

Desde que venceu as eleições em 1998, na Venezuela, até a sua morte, o presidente Hugo Chávez Frias ocupou com frequência as páginas de jornais e revistas não só na Venezuela como também no Brasil. Considerado hoje o país com a maior reserva de petróleo do mundo<sup>4</sup>, a Venezuela, país localizado na América do Sul, tem sido alvo de interesses estrangeiros que buscam novas fontes de exploração desse recurso cada vez mais escasso.

A ascensão de Hugo Chavez à presidência fez com que a Venezuela entrasse em um processo de profundas transformações sociais, econômicas e políticas. Com base no que ele chamou de socialismo do século XXI, o governo bolivariano ganhou projeção internacional devido às diversas mudanças que operou na política interna, bem como por ter mantido uma nova postura na política externa, que se caracterizou pelo não alinhamento com os EUA (MARINGONI, 2009).

Chavez aderiu aos projetos de integração regional (UNASUL, ALBA e MERCOSUL) como alternativa ao alinhamento estadunidense, implementou reformas de caráter nacional-desenvolvimentista, afastou-se do modelo econômico liberal e, com as rendas provenientes do aumento do preço do petróleo, investiu em projetos sociais, além de criar uma área de influência própria na América Latina.

O afastamento do modelo econômico liberal, a contínua contestação em relação à liderança global norte-americana e o discurso de caráter nacionalista abriram caminho para a intensa rivalidade entre a Venezuela e os EUA. Esse antagonismo se

---

<sup>4</sup> Segundo o relatório anual da Organização do Países Exportadores de Petróleo (Opec), a Venezuela ultrapassou a Arábia Saudita em volume de reservas de petróleo cru. Com 296,5 bilhões de barris em seu solo, a Venezuela torna-se o número um no ranking dos países com maiores reservas de petróleo, posto ocupado tradicionalmente pela Arábia Saudita, que caiu para o segundo lugar, com 264,5 bilhões de barris. Fonte: [http://www.opec.org/opec\\_web/en/data\\_graphs/330.htm](http://www.opec.org/opec_web/en/data_graphs/330.htm). Acessado em maio de 2016. O economista e diretor executivo da Câmara de Comércio e indústria Brasil-Venezuela, Severo (2012, p.115), com base no relatório da OPEP divulgado em 2011, afirma: “(...) a Venezuela chegou ao fim de 2010 com uma reserva comprovada de mais de 250 bilhões de barris, superando a Arábia Saudita: as reservas venezuelanas triplicaram nos últimos cinco anos e alcançaram quase 20% do total mundial.”

manteve presente durante todo o mandato de Hugo Chávez e continuou mesmo após sua morte.

Não demorou muito para que o ex-presidente Hugo Chávez enfrentasse uma oposição dentro de seu próprio território. A partir desse momento, todos os setores, que se sentiam prejudicados com o modo como Hugo Chávez vinha conduzindo a política de seu país, uniram-se em diversas ações para tentar destituí-lo do poder. Logo nos primeiros anos de seu governo, grande parte dos meios de comunicação internacionais travou uma luta contra a sua imagem e seu governo. Seu discurso anti-imperialista, com ênfase nacionalista, não era visto com bons olhos pela elite econômica local, pelos EUA e pelos grandes veículos de comunicação, principalmente por ter sido uma região marcada por ditaduras militares (MARINGONI, 2004)).

Em 2002, os empresários, a elite econômica do país e o alto escalão do exército venezuelano, com apoio do governo norte-americano e da mídia venezuelana, destituíram Hugo Chavez Frias da presidência da Venezuela, por meio de um golpe de Estado, elegendo o dirigente empresarial Pedro Carmona como presidente interino (ROVAI, 2007). Reconduzido ao poder em apenas 24 horas depois do golpe orquestrado contra ele, Chávez governou o país até 2013 quando morreu em decorrência de um câncer.

Reeleito cinco vezes em um país onde o voto não é obrigatório, Chávez construiu uma trajetória política específica que o diferenciou dos demais líderes latino-americanos. Com seu discurso contrário às políticas neoliberais propostas por Washington, além de uma aproximação com a figura de Fidel Castro, gerou posicionamentos a favor e contra seu governo dentro do seu próprio país, estimulados, principalmente, pela própria imprensa local e internacional.

## **A Análise Crítica do Discurso: princípios teóricos e metodológicos**

A Análise Crítica do Discurso (ACD) surgiu em 1985, em um artigo escrito pelo linguista Norman Fairclough da Universidade de Lancaster. Abordagem teórica filiada à Linguística Crítica (LC), consolidou-se como disciplina no início da década de 1990, com o lançamento da revista *Discourse in Society*, e mais especificamente durante um simpósio em Amsterdã, realizado em janeiro de 1991, no qual estavam presentes os linguistas Teun V. Dijk, Norman Fairclough, Theo V. Leeuwen, Gunther Kress e Ruth

Wodak<sup>5</sup>. Nesse evento, que representou um marco simbólico para os estudos críticos do discurso, os pesquisadores puderam discutir teorias e métodos de análise do discurso, confrontando as diversas abordagens e expondo similaridades dentro da perspectiva da ACD. A partir desse primeiro encontro, foi consolidada uma nova agenda de pesquisa e o grupo de pesquisadores se expandiu, disponibilizando novas ferramentas de estudo para analisar o discurso.

Desde o seu surgimento, os analistas críticos do discurso sempre demonstraram preocupação com a relação dialética entre a estrutura social e o discurso, pois a capacidade linguística de produção de significado poderia ser um produto da estrutura social. Desse modo, da linguagem, reconhecida como uma prática social, emergem os processos ideológicos que regulam relações de poder e dominação.

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. (...) Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática e a estrutura social: a última é um tanto condição como efeito da primeira (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Por manter uma relação dialética com a estrutura social, o discurso reflete as relações de poder. No entanto, essas relações assimétricas não ocorrem de modo transparente, antes o controle e poder exercido por um grupo hegemônico é conduzido no discurso de forma não explícita, levando as pessoas a agirem de forma consensual, sem que elas percebam.

A Análise Crítica do Discurso procura exatamente não apenas analisar, mas revelar de que forma o discurso tem sido colocado como instrumento de dominação, por meio da produção de efeitos ideológicos subjacentes, expondo os processos linguísticos

---

<sup>5</sup> Neste período, havia também outras obras que marcaram o período como *Language and Power*, de Norman Fairclough (1989); *Language, Power and ideology*, de Ruth Wodak (1989) e *Prejudice in discourse* (1984), de Teun. V. Dijk.

utilizados por determinados grupos hegemônicos para preservar seu poder sobre os outros menos privilegiados.

Associando estudos da Linguística aos de Sociologia e Estudos Culturais, Fairclough (2001) buscou utilizar a Análise do Discurso como instrumento político contra a injustiça social, incentivando os analistas críticos a serem agentes de transformação nas relações de poder e nas diversas lutas sociais vigentes. Assim, a alteração nas práticas discursivas fomentaria uma mudança na prática social.

Portanto, a ACD, longe de ser apenas uma abordagem teórico-metodológica sobre o estudo linguístico, visa a uma análise aprofundada sobre práticas e estruturas engendradas pela linguagem com vistas a revelar aspectos importantes da vida social. Nesse sentido, ao analisar criticamente os textos, os analistas críticos do discurso refletiriam a respeito do processo de interação entre elementos discursivos e estrutura social, ou seja, como pode a realidade social e as relações de poder se manifestarem discursivamente.

Como a ACD busca teorizar e descrever tanto os processos e estruturas sociais que levam à produção de um texto, quanto as categorias linguísticas que compõem o discurso, o conceito de ideologia e sua relação com as estruturas de poder é fundamental para o analista crítico do discurso.

O conceito de ideologia utilizado pela Teoria Social do Discurso, uma vertente da Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvida por Norman Fairclough (2001), provém dos estudos de Thompson (1995, p.15-17), que, ao reformular o conceito de ideologia, não retira dele o seu sentido negativo. Pelo contrário, sua reformulação, considerando os inúmeros aspectos negativos, pode ser vista como uma concepção crítica da ideologia. Nesse sentido, a ideologia agiria como instrumento capaz de sustentar e legitimar relações assimétricas de poder. Dito de outro modo, a ideologia estaria a serviço da classe dominante. Segundo Resende e Ramalho (2006, p.49): “A concepção crítica postula que a ideologia é, por natureza, hegemônica, no sentido que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes.”

## A Análise Crítica do Discurso e as categorias representativas de Van Leeuwen

Um dos objetivos da ACD é verificar a função do discurso no interior de problemas sociais contextualmente situados, ocupando-se com os efeitos ideológicos produzidos por meio de textos (discursos) nas relações sociais. Para Fairclough (2003, p. 8), textos podem conduzir a mudanças em nosso conhecimento, nossas crenças, atitudes e valores. Tendo em vista que a relação entre mídia e sociedade ocorre por meio de textos (discursos), podemos enfatizar a natureza social dessa relação e promover, por meio dessas mesmas práticas discursivas, as mudanças sociais necessárias.

Além de utilizar os princípios teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001, 2003), que compreende o discurso como uma prática efetivamente social, utilizaremos também, dentro dessa perspectiva, as categorias de Van Leeuwen (2008, 1997, 1996) para representação de atores sociais, a fim de demonstrar como o ex-presidente Hugo Chávez e os venezuelanos são representados no discurso da revista *Veja*.

Van Leeuwen (1996, 1997, 2008), com sua teoria da representação social no discurso, foi o responsável por relacionar as pesquisas sobre a representação dos atores sociais com a Linguística e fornecer subsídios para identificar no discurso verbal as estratégias linguísticas utilizadas para categorizarmos pessoas e suas práticas sociais. Através de suas categorias sóciosemânticas, podemos observar não apenas como os atores sociais são representados no discurso, como também o funcionamento dos processos de inclusão e exclusão desses atores no fluxo discursivo.

O trabalho de Van Leeuwen (1996, 1997, 2008) é considerado uma contribuição para os estudos em ACD, uma vez que essa teoria é capaz de revelar significados não tão evidentes que dizem respeito ao modo como os atores sociais podem ser representados no discurso. O autor procura mapear como as práticas sociais se transformam em discursos acerca delas mesmas, trazendo à tona questões ligadas ao poder, à ideologia e à hegemonia já abordados pela ACD.

Neste artigo, para proceder à análise dessas representações sociais, utilizaremos o inventário sociosemântico de Van Leeuwen (1996, 1997, 2008). Abordaremos as categorias gerais *exclusão* e *inclusão*. O sistema de inclusão é mais complexo do que o de exclusão, podendo o ator social ser representado de várias maneiras



e em diferentes papéis como, por exemplo, *ativo* e *passivo* ou *personalizado* e *impersonalizado*.

## **Categorias de indeterminação x determinação**

Os atores sociais, quando personalizados, podem ainda ser representados de modo indeterminado, ou seja, como indivíduos ou grupos não especificados e anônimos. Realizada através de pronomes indefinidos (alguém, algum, algumas pessoas) e usado em função nominal, a indeterminação torna o ator social como alguém cuja identidade é irrelevante para o leitor. Por outro lado, a *indeterminação* também pode ser realizada por uma referência externa colocada de forma generalizada e, neste caso, o ator social ganha um tipo de autoridade impessoal, uma onisciência, uma poderosa força coercitiva (VAN LEEUWEN, 2008, p 39-40).

Quando os atores sociais são representados de forma determinada, eles têm a identidade especificada de alguma forma. A determinação pode ser realizada através das subcategorias *Nomeação* e *Categorização*, podendo esta última ser desdobrada nas subcategorias de *Funcionalização* e *Identificação* (VAN LEEUWEN, 1996, p. 51-53).

A *Nomeação*<sup>6</sup> realiza-se por meio de nomes próprios e pode ser formal (apenas sobrenome, com ou sem honoríficos), semiformal (nome próprio e sobrenome) ou informal (apenas o nome próprio). São representados em termos de sua identidade única. Tanto nas reportagens quanto em narrativas, é destinado aos personagens sem nome apenas os papéis passageiros e funcionais, o que leva o leitor a não criar nenhum ponto de identificação com eles (VAN LEEUWEN, 1997, p.200). De acordo com Van Leeuwen (2008, p.41), a ausência de nomeação é tão significativa quanto a sua presença. Como exemplo de nomeação semiformal temos: “O principal organizador das greves gerais, o presidente da Fedecâmaras, *Pedro Carmona*, de 61 anos, assumiu a presidência no lugar de *Hugo Chávez* e prometeu convocar eleições em menos de um ano.”<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Rajagopalan (2003, p. 82), citando o evento de 11 de setembro e a caracterização feita de Osama Bin Laden, demonstra como a mídia “imprime certas interpretações pelo simples ato de designação de determinados acontecimentos, dos responsáveis por tais acontecimentos, dos atos específicos praticados pelos lados em situações de conflito”. Para ele, o fenômeno da nomeação é um ato eminentemente político, que a mídia utiliza para influenciar a opinião pública a favor ou contra pessoas e situações noticiados.

<sup>7</sup> Fonte: O Falastrão caiu, *Veja*, ed. 1747 de 17/04/2002

A *Categorização* ocorre quando os atores sociais são representados em termos de identidades e funções que partilham com os outros. Ela se subdivide em *Identificação* e *funcionalização*. Na *Identificação*, os atores sociais são representados em termos do que são, de forma permanente ou não, e não do que fazem. Há quatro tipos de identificação: *identificação física*, *identificação relacional*, *classificação* e *avaliação*. A *identificação física* é a que representa os atores sociais em termos de características físicas (loiro, alto, ruivo, magro etc.) e proporciona uma identidade única na ausência, temporária ou permanente, de nomeação. Já a *identificação relacional* representa os atores pessoais em termos de relação pessoal, de parentesco ou trabalho que têm entre si, realizando-se através de substantivos (amigo, tia, colega etc.), que podem ser possessivizados. Por fim, em relação à *classificação*, os atores sociais podem ser representados por meio de categorias capazes de diferenciar classes de pessoas, de acordo com cada sociedade ou instituição, variando histórica e culturalmente. Em nossa sociedade, classificamos por meio de idade, sexo, raça, etnicidade, religião, orientação sexual etc. (VAN LEEUWEN, 1997, p.202-206).

No caso da avaliação, Van Leeuwen (2008, p. 45) afirma que ela é utilizada para se referir aos atores sociais quando estes são representados por termos que atribuem valores como, por exemplo, bom ou mau, amado ou odiado, e assim por diante. Este tipo de representação ocorre também através de nomes que denotem avaliação como ‘querida’, ‘desgraçado’ etc.

A *Funcionalização* ocorre quando a referência é feita em termos daquilo que os atores fazem (funções ou ocupações) e das atividades que praticam. Pode ser realizado através de: I) um substantivo formado a partir de um verbo (ex. entrevistador, correspondente, gestor etc.); II) um substantivo formado a partir de outro substantivo, que se refere a um local ou instrumento diretamente associados a uma atividade, por exemplo: pianista (VAN LEEUWEN, 1996, p.54).

## **Inclusão por personalização assimilada**

No caso da assimilação, os atores sociais são representados como grupos e no plural (ex.: venezuelanos/ brasileiros) ou por um nome no singular que denote um grupo

(ex.: Nação, Comunidade). Pode ser realizada através das subcategorias *Agregação* e *Coletivização*.

A *assimilação por Agregação* quantifica grupos de participantes, tratando os como dados estatísticos. É utilizada para produzir uma opinião de consenso. Referencia os atores sociais através de um quantificador, definido ou indefinido (muitos, todos, alguns, a maioria), ou através de um percentual 'X' (Ex. 10% dos venezuelanos). A categoria 'agrupa' atores sociais, ofuscando sua identidade/individualidade. Segundo Van Leeuwen (2008, p.37), esse tipo de representação desempenha um papel muito importante na sociedade, uma vez que certos mecanismos como as pesquisas de opinião e de marketing mostram a opinião da maioria da população para definir as regras sociais: "(...) a agregação é frequentemente usada para regular uma prática e fabricar consenso, mesmo que ela represente um mero registro dos fatos"<sup>8</sup> Por outro lado, na *assimilação por Coletivização*, os atores sociais são representados por meio de um substantivo ou pronome coletivo que denote um grupo. Exemplo: Classe (refere-se a alunos) (VAN LEEUWEN, 1996, p.49).

## **Análise: leitura crítica das reportagens**

Em nosso *corpus* composto por 15 reportagens, podemos observar a presença significativa de diferentes atores sociais. Dentre eles, percebemos que a "população venezuelana" pode ser relevante para a construção da representação do ex-presidente Hugo Chávez no discurso da revista *Veja*. Por esse motivo, com base no inventário sóciossemântico proposto por Van Leeuwen (1996, 1997, 2008), além da análise das categorias que representam Chávez, iremos analisar os grupos nominais em que os "venezuelanos" estejam presentes.

## **A representação do ator social Hugo Chávez**

A representação do ator social Hugo Chávez se realizou por meio de 353 registros. Destes, 317 são realizados por personalização individualizada, 28 por

---

<sup>8</sup> Tradução de Van Leeuwen (2008, p. 33): "(...) aggregation is often used to regulate practice and to manufacture consensus opinion, even though it presents itself as merely recording facts."

personalização assimilada e 8 por objetivação. Dentro dos 317 casos de personalização individualizada, encontramos 163 registros de nomeação por formalização (“Chávez”); 12 representações por semiformalização (“Hugo Chávez”); 51 casos por funcionalização (38 como “presidente”, e 13 como “coronel” ou “tenente-coronel”); 10 registros por funcionalização + identificação (“presidente venezuelano”); 9 ocorrências por funcionalização + nomeação (“presidente Hugo Chávez”); 29 variadas referências por avaliação (alguns exemplos são “Charlatão bolivariano”, “bufão”, “autoritário” e “truculento”), e outras formas menos frequentes resultantes da combinação de duas ou mais categorias. Das 28 ocorrências de personalização assimilada por coletivização, há 25 casos representados como “governo” e 3 casos como “Estado” e “Executivo”.

Embora a nomeação por formalização pressuponha uma hierarquia social implícita devido à sua alta formalidade, no *corpus* aqui analisado, a simples nomeação por formalização ou semiformalização não remete a este tipo de uso, podendo, inclusive, levar a uma relação de igualdade ou de intimidade entre os interlocutores. Portanto, a escolha por estruturas de nomeação formal e semiformal (“Chávez” e “Hugo Chávez”) não confere um caráter mais respeitoso ou cerimonioso no discurso da revista. Este recurso representacional estaria mais associado à necessidade de dar ênfase a agentividade deste ator social.

Uma outra forma de representação de Chávez no discurso da revista *Veja* tem sido através do uso do termo “coronel” ou “tenente-coronel”, fazendo referência à antiga função desempenhada por ele antes de chegar à Presidência.

A origem militar de Chávez ajuda a construir uma imagem de um governo agressivo. Portanto, ao representá-lo através da funcionalização “coronel” a revista atualiza o seu sentido negativo, deixando implícita a ausência de democracia na Venezuela, além de reforçar o modo autoritário como o poder é exercido pelo então presidente:

- (1) “Era repetidamente acusado pelas autoridades da Colômbia de dar abrigo a guerrilheiros colombianos, e até Vladimiro Montesinos, o chefe do esquema corrupto de Alberto Fujimori, esteve foragido em Caracas, provavelmente com a autorização do *coronel*” (O Falastrão caiu, *Veja*, Ed. 1747 de 17/04/2002).
- (2) “O *coronel* ainda não atingiu a sofisticação que garante a sobrevivência de Fidel Castro, este sim um esquerdista autêntico, um fóssil da Guerra Fria que sobrevive em sua ilha particular

como um capataz magnânimo, mas repressor” (O clone do totalitarismo, *Veja*, Ed 1903 de 04/05/2005).

Por outro lado, ao empregar o termo “coronel” para se referir a contextos que remetem à violência, infração de direitos e rompimento da ordem democrática, a revista associa Chávez ao caráter militar de seu governo, e apresenta esta característica violenta e repressiva como inerente à sua própria personalidade.

No *corpus* desta pesquisa, Chávez é representado através de 29 ocorrências de avaliações. O conceito de avaliação (*appraisement*) é definido por Van Leeuwen (2008) como a maneira que os atores sociais são representados no discurso, utilizando para isso termos apreciativos e/ou depreciativos que, de alguma forma, os qualificam ou avaliam:

- (3) “Chávez se considerava um *Robin Hood bolivariano*. Era mais um *bufão*, que entretinha o povão com programas de televisão em que se comportava mais como um *animador de auditório* do que como presidente” (O Falastrão caiu, *Veja*, Ed. 1747 de 17/04/2002)
- (4) “Com a reforma constitucional aprovada na semana passada, Hugo Chávez consolida seu regime *autoritário e personalista* na Venezuela” (À sombra de El Supremo, *Veja*, Ed 2003 de 07/11/2007).
- (5) “Ele não tem passado socialista ou marxista, nem teórico nem prático. Veio do meio militar e tornou-se um *populista autoritário e fanfarrão*” (O clone do totalitarismo, *Veja*, Ed 1903 de 04/05/2005).
- (6) “O Chávez *conciliador* é uma *mentira*. Apenas o *autocrata* é *sincero*” (A vontade do eleitor não vale, *Veja*, Ed 2073 de 13/08/2008).

O adjetivo “bufão” e do substantivo “animador de auditório” em (3) suscitam a ideia de alguém que se comporta de modo ridículo, inoportuno ou cômico. Semelhante sentido é evocado em (5), a partir do emprego da palavra “fanfarrão” que faz parte do mesmo campo semântico. Ao realizar essas associações, a revista atribui um caráter de uma pessoa que não possui seriedade em suas relações e que, portanto, não poderia ocupar o cargo de presidente.

Os exemplos (4), (5) e (6) podem ser consideradas formas de avaliação do ator social Hugo Chávez. Desta forma, os adjetivos “autoritário” e “personalista”, e os

substantivos “populista” e “autocrata” constituem avaliações negativas em relação ao ex-presidente, que corroboram a ideia de que ele seja um ditador que procura, por meio de discursos demagógicos, iludir a população. Com o uso dessas avaliações, a revista resgata e vincula ao seu discurso a memória coletiva que as pessoas detêm sobre a ditadura.

## A representação dos venezuelanos

Os registros de representação dos atores que agrupamos no coletivo “venezuelanos” compreendem 174 casos. Dentre esse número, encontramos 78 casos de inclusão por personalização individualizada e 84 de inclusão por personalização assimilada.

A inclusão por personalização individualizada foi realizada em 22 casos por meio de nomeação + categorização, e em 57 através da categorização, sendo 44 realizadas por meio da funcionalização (ex.: “deputados”, “juízes” etc), 5 por identificação relacional (ex.: “sua filha mais velha” etc.) e 8 por valoração (ex.: “povão” etc.).

Dos 84 registros de inclusão por personalização assimilada, 57 foram realizados por meio da coletivização (“Exército”, “sindicatos” etc.), e 27 através da agregação ex.: “a maioria dos venezuelanos” etc.).

Dos 22 registros de personalização individualizada encontrados em nosso *corpus*, em que os venezuelanos foram representados através de nomeação + categorização, apenas quatro são de pessoas ligadas diretamente a Chávez. Todas as outras 17 encontram-se sempre representadas em oposição ou vinculadas a algum contexto desfavorável ao ex-presidente Chávez.

A reportagem “À sombra de *El Supremo*” é bem ilustrativa a esse respeito. A matéria discorre a respeito do modo como Hugo Chávez vem conduzindo seu governo e traz o depoimento de dez pessoas que foram afetadas e/ ou tiveram as suas vidas transformadas pela política governamental do ex-presidente. Desse modo, foram registrados, ao longo da reportagem, os depoimentos (a favor ou contra o ex-presidente) de acordo com a experiência de cada um. Todas essas pessoas foram representadas por meio de nomeação + categorização, recebendo, em alguns casos, até mesmo uma valoração positiva, e tiveram suas falas registradas através do discurso direto. Vejamos alguns casos:

- (7) “Atriz de sucesso e candidata ao Miss Venezuela de 1994, Fabíola Colmenares acaba de descobrir que a beleza e a fama não garantem imunidade à perseguição ideológica do governo chavista. No fim de outubro, quando se preparava para estrear sua 15ª novela, a atriz foi sumariamente demitida pela Venevisión, emissora na qual trabalhava havia catorze anos. Não foi segredo sobre o motivo: ela foi punida por ter participado de protestos contra a reforma constitucional. ‘O país mudou muito com o governo Chávez. Qualquer pessoa que discorde dele é imediatamente discriminada e desqualificada’, diz a atriz de 33 anos.” (À sombra de *El Supremo*, *Veja*, Ed 2003 de 07/11/2007, p. 89).
- (8) “Processar jornalistas é uma das estratégias adotadas pelo regime chavista para calar a oposição. ‘Como não há independência de poderes na Venezuela, somos submetidos a verdadeiros julgamentos kafkanianos’. Diz *Marianella Salazar*, radialista e colunista do jornal *El Nacional*” (À sombra de *El Supremo*, *Veja*, Ed 2003 de 07/11/2007, p. 96).

Das dez pessoas representadas nessa reportagem, apenas duas produziram discursos favoráveis ao ex-presidente. O primeiro caso é de Erick Morales, 19 anos e estudante de Direito da Universidade Bolivariana e filho de um mecânico e de uma escriturária. Ele é representado através da nomeação semiformal (Erick Morales) e da categorização, que se realiza por meio da funcionalização (estudante de Direito), da classificação (19 anos) e da identificação relacional (“filho de um mecânico e de uma escriturária”).

Apesar de ter sido, assim como os outros nove casos, representado por meio da nomeação semiformal e da categorização, podemos observar que este ator social está inserido em um contexto que sugere que seu apoio ao ex-presidente Hugo Chávez é devido a: i) sua pouca idade (19 anos), o que poderia indicar uma certa ingenuidade; ii) ser beneficiário de um programa social do governo, pois ele é estudante de Direito da Universidade Bolivariana, e iii) ele é identificado como sendo “filho de um mecânico e de uma escriturária”, ou seja, pertencendo a uma família de origem social simples e sem muitos recursos e, portanto, mais vulnerável a aceitar práticas governamentais de assistencialismo e ser cooptado ideologicamente por meio de discursos demagógicos.

O segundo caso apresentado é do empresário Majed Khalil, “cuja família é dona de uma indústria de pescado e enlatado e de uma importadora de produtos

eletrônicos”. Esse ator social é representado por meio de nomeação semiformal (majed Khalil) e por categorização que, assim como no caso anterior, também se realizou por meio de funcionalização (“empresário”) e de identificação relacional. No entanto, ao contrário do estudante de Direito, a identificação relacional o representa como membro de uma família economicamente privilegiada. Inserida no contexto discursivo da revista, esta representação sugere que o empresário seria favorecido por Chávez em seus negócios e, por este motivo, teria interesse em defendê-lo.

Os outros oito casos presentes nessa reportagem também são representados através da nomeação semiformal e da categorização, mas todos eles são colocados em um contexto de denúncia de autoritarismo e/ou acusação de perseguição por parte do ex-presidente.

De acordo com todos os 22 registros de personalização individualizada encontrados no *corpus* dessa pesquisa, podemos observar que a maioria, ou seja, 17 casos são de pessoas contrárias ao ex-presidente seja através de ações movidas contra Chávez, seja por meio de seus discursos (direto ou indireto). Mesmo quando são apresentados os testemunhos favoráveis ou de pessoas próximas a Chávez, eles aparecem em um contexto de crítica ao presidente, sugerindo que eles o defendem porque receberam algum tipo de favorecimento no plano pessoal, ou porque, devido à sua condição econômica desprivilegiada, estariam mais vulneráveis a determinados discursos de cunho demagógico.

Essa discrepância numérica nos remete ao que Abramo (2003) chamou de “padrão de ocultação” que se refere ao critério de seleção e apresentação de informações que devem ou não ser noticiadas pela imprensa. Neste caso, a revista *Veja* selecionou apenas cinco pessoas vinculadas a Chávez para que fossem representadas de forma particularizada através da nomeação e da categorização, ocultando ou mesmo diminuindo a presença de atores sociais que pudessem estar ligados a Chávez em um contexto favorável a seu governo.

Segundo Rajagopalan (2003, p. 120), a representação “é uma questão eminentemente ideológica e responde aos interesses políticos que norteiam seus defensores.” Desse modo, ao promover o silenciamento de vozes e da representação de atores sociais vinculados a Chávez, a revista *Veja* o identifica como alguém que não tem



apoio da população para governar. Por outro lado, ao destacar os “testemunhos” contrários ao seu governo, a revista induz o leitor a pensar que Chávez não tenha realizado ações positivas durante seu mandato e, assim, justificaria a sua reprovação materializada nas representações contrárias ao seu governo.

A representação dos atores sociais que formam o grupo “venezuelanos” também se realizou por meio da personalização assimilada. Foram 84 registros divididos entre 57 coletivizações e 27 agregações. Esse tipo de representação busca trazer uma ideia generalista de criação de consenso. Para tentar compreender o motivo desta predominância representacional e os efeitos de significado produzidos no discurso, selecionamos alguns trechos da reportagem “O Falastrão caiu”<sup>9</sup>:

(9)“*Multidões* nas ruas e rebelião militar tiram Hugo Chávez da Presidência da República.”

(10)“Na quinta-feira passada, *uma multidão de 200.000 venezuelanos*, arregimentados por *sindicatos de patrões e empregados*, marchou para o palácio presidencial e foi recebida a bala por partidários do presidente.”

(11)“Na madrugada de sexta, com a *nação* mergulhada em comoção cívica, uma rebelião militar forçou Chávez a renunciar e ele foi aprisionado num quartel na periferia de Caracas, capital do país.”

(12)“Os *venezuelanos* jamais perdoaram Chávez por ter criticado os ataques americanos no Afeganistão. Por pouco, eles entravam de graça no eixo do mal, a lista de países declarados inimigos pelos Estados Unidos.”

Em (9), (10), os atores sociais selecionados “*multidões*” e “*multidão de 200.000 venezuelanos*” estão representados através de uma assimilação por coletivização.

---

<sup>9</sup> A reportagem “O falastrão caiu” retrata o momento em que o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, foi destituído de seu cargo, após um movimento encabeçado pela elite econômica do país, pelo alto comando das Forças Armadas e com o amplo apoio das principais emissoras de TV do país. O texto traz um suposto panorama dos principais motivos que levaram à queda de Hugo Chávez, bem como procura retratar uma situação posterior. Nesta reportagem, foram selecionados pela revista três especialistas para dar seu ponto de vista em relação ao evento, no entanto, nenhum deles apresentou ponto de vista favorável ao governo Chávez.

Este tipo de representação propõe uma ideia generalista de que havia uma posição uníssona na Venezuela contra a permanência de Chávez na Presidência da República.

Essa ideia de consenso é confirmada por outra coletivização representada por “sindicatos de patrões e empregados”, pois os sindicatos são órgãos cuja função seria representar os interesses de setores da população. Se “*uma multidão de 200.000 venezuelanos arregimentados por sindicatos de patrões e empregados* marchou para o palácio presidencial” significa que não só o país está unido contra Chávez, mas que até atores políticos normalmente considerados antagônicos (patrões e empregados) se uniram contra o presidente venezuelano para destituí-lo do poder.

Em (11) e (12), novamente, observamos a presença da categoria coletivização através das lexias “venezuelanos” e “nação”, que também transmite a noção de consenso. Essa referência de modo assimilador e impreciso é uma estratégia utilizada pela revista *Veja* para impedir que o público-leitor possa distinguir os indivíduos que fazem parte desses grupos e, assim, homogeneizar as diferenças. Este mecanismo tem a função de orientar a leitura sobre um fato específico de modo a apagar as possíveis distinções político-ideológicas dos membros de um grupo social. Por meio da categoria coletivização foi possível formar uma identidade coletiva para o grupo de venezuelanos que estaria em oposição ao ex-presidente Chávez.

Podemos dizer que a utilização desses substantivos genéricos, que se referem a um conjunto de pessoas, coaduna-se com o modo de operação da ideologia descrito por Thompson (1995, p.81), a unificação. De acordo com o autor, o processo de unificação interliga os indivíduos numa identidade coletiva, apagando as possíveis diferenças sociais, políticas, culturais e ideológicas entre os membros do grupo, que passam a nutrir um sentimento de identidade social. Constroi-se, assim, um sentimento de união e compartilhamento dos mesmos ideais.

A construção simbólica de uma identidade coletiva fortalece a imagem de contraste entre dois grupos: de um lado, os venezuelanos e, de outro, Hugo Chávez, reforçando a tese da luta do ‘bem’ contra o ‘mal’. Essa polarização é identificada como a estratégia ideológica de fragmentação pelo ‘expurgo do outro’. Por meio deste mecanismo, a revista *Veja* criou um inimigo (no caso, Hugo Chávez) que representa uma ameaça e, portanto, precisa ser eliminado para que paz seja restabelecida.

Nos trechos (9), (10), (11) e (12), podemos perceber que os grupos são colocados como dois pólos contrastantes: de um lado, identificado como ‘bem’, está o grupo que representa todos os venezuelanos e cujos objetivos são partilhados por toda a sociedade; de outro, identificado como ‘mal’, encontra-se o ex-presidente Hugo Chávez sempre associado a ações autoritárias. Constroi-se, assim, uma imagem brutal, opressiva e autoritária do governo venezuelano e, em contrapartida, estabelece-se uma imagem positiva para a população.

Ao diluir a identidade de cada ator social, por meio da coletivização, dentro de um mesmo grupo, a revista *Veja* faz uso de um outro dispositivo ideológico de Thompson (1995): a universalização e, assim, interesses específicos são apresentados como sendo interesses de toda a população.

No caso dos trechos selecionados da reportagem “O Falastrão caiu”, a queda de Chávez significa a defesa da segurança da nação e do mundo como interesse de todos os venezuelanos, não sendo compreendido como uma ação militar unilateral empreendida pela oposição. Deste modo, o significado de interesse dos EUA e da elite venezuelana no petróleo da região é esvaziado, e a queda de Chávez é vista como algo benéfico e positivo, devendo ser, inclusive, estimulada.

## Considerações finais

Ao selecionar um item lexical para compor a representação de um ator social, a revista *Veja* faz uma determinada escolha dentre as várias outras possíveis. No caso de Chávez, diante da diversidade de representações, há uma preferência do veículo em caracterizar esse ator social através da personalização por determinação. Desse modo, em seu discurso, a revista particulariza a figura do ex-presidente, enfatizando sua identidade individual, o que conduz a uma maior visibilidade e responsabilidade a suas ações.

A alta frequência com que Hugo Chávez é nomeado sugere a importância e o destaque que a revista pretende dar a sua imagem, pois nomear um ator social significa representá-lo por meio de sua identidade única, o que pode ser considerada uma estratégia ideológica da revista para enfatizar a responsabilidade de suas ações.

Embora em menor número, Chávez também é representado por meio da funcionalização “coronel”. Ao fazer referência ao seu passado militar, a revista pretende

construir uma imagem de um personagem beligerante. As construções textuais feitas por meio dos recursos de transitividade reiteram essa violência excessiva praticada por ele.

Se, por um lado, a revista procura destacar a identidade de Chávez através da nomeação e categorização, observamos que isso nem sempre ocorre quando se trata da representação dos venezuelanos. Apenas um pequeno número de venezuelanos tem a sua identidade especificada através da nomeação e categorização. Dentro desse número, apenas alguns estão vinculados diretamente a Chávez ou mantêm um posicionamento favorável em relação a ele.

A maior parte dos venezuelanos é representada por meio das categorias sociosemânticas coletivização e agregação. Desse modo, a revista cria representações genéricas dos venezuelanos com baixo grau de representação dos atores, a fim de criar um efeito de consenso em relação a suas demandas. Ao isolar o ator social Hugo Chávez do restante da população venezuelana, a revista constroi duas identidades distintas e polarizadas: os venezuelanos, de um lado, e Chávez, de outro, reafirmando a imagem do ex-presidente como alguém cruel e ameaçador, ou seja, de um inimigo comum que precisa ser combatido.

## Referências bibliográficas

ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: editora Perseu Abramo, 2003.

ADORNO, T.W. A teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista (1951). *Revista Margem Esquerda*. São Paulo, N.7, Maio 2006, pag 164-190.

ALVAREZ, R. *Opep ajuda explicar ação golpista dos EUA na Venezuela*. 11/03/2014. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br>. Acesso em 06/06/2016.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: editora Brasiliense, 2006.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

FUZER, C. *Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do direito representam atores sociais em um sistema de gêneros*. 2008. 269 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM): Santa Maria/RS, 2008.

GERZSON, V. R. S. *A mídia como dispositivo da governabilidade neoliberal- os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e ISTO É.* 2007. 164f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre/RS, 2007.

MARINGONI, G. *A revolução venezuelana.* São Paulo: Editora UNESP, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Venezuela que se inventa: poder, petróleo e intriga nos tempos de Chavez.* São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

MORAES, D. *Crítica da mídia & hegemonia cultural.* Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2016.

PARDO ABRIL, N.G. Representación de los actores armados em conflicto em La prensa colombiana. *Forma Y Función* 18 (2005), p. 167-196. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, D.C.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética.* São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise do discurso crítica.* São Paulo: Contexto, 2006.

RINCÓN, O.; MAGRINI, A.L. Meios, poder e democracia na América Latina... de celebridades políticas, poderes midiáticos e democracia de simulação. In: SORJ, B (org.). *Poder político e meios de comunicação: da representação política ao reality show.* São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 75-104.

ROVAI, R. *Midiático poder: o caso Venezuela e a guerrilha informativa.* São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

SEVERO, Luciano W. *Desdobramentos da entrada da Venezuela no Mercosul.* Revista Orbis Latina, vol 2, Nº 1, janeiro-dezembro de 2012, p. 112-115. Disponível em: [https://issuu.com/revistaorbislatinaorbislatina/docs/revista\\_orbis\\_latina\\_v2](https://issuu.com/revistaorbislatinaorbislatina/docs/revista_orbis_latina_v2). Acessado em 21/08/2016.

THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.* Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

VAN DIJK, T. Política, ideologia e discurso. In: MELO, I. F. (Org.) *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática.* Campinas/SP: Pontes Editores, 2012, pp.15-51.

\_\_\_\_\_. *Discurso e poder.* São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ideología. Una aproximación multidisciplinaria.* Trad. Lucrecia B. Blanco. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

\_\_\_\_\_. *Semântica do discurso e ideologia.* In: PEDRO, E.R. (org.) *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.* Lisboa: Caminho, 1997, pp. 105-168.

VAN LEUWEEN, T. *Discourse and practice.* News tools for Critical Discourse Analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. *A representação dos atores sociais*. In: PEDRO, E.R. (org.) *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, pg. 169-222.

\_\_\_\_\_. The representation of social actors In: Caldas-Coulthard, C.; Coulthard, M (Orgs) *Texts and Practices: readings in critical discourse analysis*. London; New York: Routledge, 1996, p 32-70.